

Conclusão: No grupo estudado, a obesidade não representou fator de risco para aumento da incontinência fecal e urinária.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2017.09.394>

TL10-096

ESFINCTEROPLASTIA ANAL PARA TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA FECAL EM HOSPITAL DE ENSINO: CASUÍSTICA DE 10 ANOS



Rodrigo Ambar Pinto,
Isaac José Felipe Corrêa Neto,
José Marcio Neves Jorge, Marília Fernandes,
Caio Sergio Nahas, Ivan Cecconello,
Sérgio Carlos Nahas

*Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina,
Universidade de São Paulo (HC-FM-USP), São
Paulo, SP, Brasil*

Objetivo: Apresentar a casuística em curto e longo prazo de pacientes incontinentes submetidos a esfincateroplastia anal dos últimos 10 anos em um hospital de ensino especializado.

Métodos: Feito levantamento retrospectivo dos pacientes submetidos a esfincateroplastia anal no serviço de cirurgia colorretal do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo entre janeiro de 2004 e fevereiro de 2014. Avaliados os dados pré-operatórios, como antecedentes obstétricos, causa da incontinência fecal e escore de incontinência de Cleveland Clinic Florida (CCF). Todos os pacientes foram submetidos a manometria anorretal e ultrassom endoanal pré-operatórios. A esfincateroplastia foi associada a perineoplastia nos casos de defeito perineal completo com afilamento importante do corpo perineal. No período pós-operatório foram avaliadas as complicações imediatas, recuperação da incontinência através do escore de CCF e os casos de recidiva de sintomas.

Resultados: Foram analisados dados de 51 pacientes submetidos a esfincateroplastia anal, 78,4% do sexo feminino. A média foi de 48,73 anos (18-84) e em 63% a causa foi dano obstétrico. O tempo médio de seguimento foi de 55,5 meses (17-138) e o tempo de sintoma previamente à cirurgia foi em média de 12,5 anos. O índice de incontinência anal no pré-operatório foi em média de 12,81 e no pós-operatório de 7,1. Com relação à qualidade de vida no pós-operatório, 75% se demonstraram satisfeitos, 60% fariam novamente a cirurgia e 50% classificaram a qualidade de vida como boa, muito boa ou excelente.

Conclusões: A esfincateroplastia anal mostrou-se segura e efetiva para o controle da incontinência fecal associada a defeito esfincateriano, com melhoria dos sintomas de escape de fezes e flatos e da qualidade de vida.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2017.09.395>

TL10-097

ESTUDO PROSPECTIVO RANDOMIZADO ENTRE O EMPREGO DO AGENTE DE PREENCHIMENTO EXANTIA[®] E A TERAPIA DE ELETROESTIMULAÇÃO ENDOANAL EM PORTADORES DE INCONTINÊNCIA ANAL LEVE OU MODERADA



Rodrigo Ambar Pinto,
Isaac José Felipe Corrêa Neto,
José Marcio Neves Jorge, Marília Fernandes,
Leonardo Alfonso Bustamente Lopez,
Ivan Cecconello, Sérgio Carlos Nahas

*Hospital das Clínicas, Faculdade de Medicina,
Universidade de São Paulo (HC-FM-USP), São
Paulo, SP, Brasil*

Objetivo: Analisar os resultados do emprego do agente de preenchimento anal Exantia[®] no tratamento da incontinência anal passiva, causada por defeito isolado do músculo esfíncter interno do ânus ou ausência de defeito esfincateriano e comparar com os resultados do *biofeedback* anal com eletroestimulação.

Material e métodos: Estudo prospectivo randomizado de 17 pacientes portadores de incontinência anal leve ou moderada, com dano isolado do músculo esfíncter anal interno, ou a evidência de incontinência anal sem a verificação de dano anatômico ao complexo esfincateriano anorretal com disfunção, ou inadequada ação do esfíncter anal interno, acompanhados no ambulatório de fisiologia colorretoanal do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (HC-FM-USP).

Resultados: Foram avaliados 12 pacientes, com média de 67,2 anos, 66,7% do sexo feminino, e foi procedido o implante de agente de preenchimento anal Exantia. O índice de incontinência anal médio no pré-operatório foi de 10,47 e aos seis meses de 6,3. Por outro lado, foram estudados cinco pacientes no grupo de *biofeedback* com eletroestimulação anal com média de 71,4 anos, 80% do gênero feminino. O índice de incontinência anal no pré-tratamento foi de 11,8 e aos seis meses de 10,3. No grupo do implante do agente de preenchimento anal a melhoria da qualidade de vida em pelo menos 50% foi de 80% dos pacientes e no subgrupo tratado com *biofeedback* foi de 60%. Ao se compararem os grupos com cinco pacientes em cada, verificou-se uma média de índice de incontinência anal semelhante entre eles ($p = 0,486$) e uma melhoria aos seis meses estatisticamente superior no grupo tratado com o Exantia ($p = 0,001$), com um incremento na qualidade de vida semelhante entre eles ($p = 0,167$).

Conclusão: Verifica-se uma melhoria do índice de incontinência anal mais significativa nos pacientes submetidos ao tratamento com agente de preenchimento em comparação com os demais.

<https://doi.org/10.1016/j.jcol.2017.09.396>